

Ojeada sobre el Brasil: as impressões de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Império brasileiro em 1842.

LIZ ANDRÉA DALRÉ¹

Introdução

Diversos historiadores já escreveram sobre as dificuldades em mapear as relações entre as Américas de língua espanhola e portuguesa e principalmente em pesquisar os momentos de confluências e identidades entre elas. O distanciamento cultural e político que esteve no cerne da formação histórica destes países bem como a constatação de que, em diferentes contextos, o Brasil teve os olhos voltados para outros continentes são alguns dos argumentos que já foram bastante utilizados e hoje são questionados como explicações definitivas. Fato é que os pesquisadores ainda estão à procura de respostas para esta dificuldade, o que tem propiciado investigações proíficas sobre o tema.

Em alguns destes trabalhos, observou-se a existência de um imaginário responsável por alimentar interpretações e a memória coletiva ao longo dos últimos séculos, tanto no Brasil como nos países hispano-americanos. Esse pensamento, compartilhado por intelectuais, governantes, literatos, artistas, jornalistas, entre outros grupos, seria o responsável por identificar o país americano de língua distinta como um outro, gerando um movimento de dissociação, desinteresse, desconhecimento, distanciamento e/ou denegação.²

De acordo com Fredrigo, denegar está para além de recusar ou negar. "Denegar pode significar também desmentir, contradizer. Tal como num jogo de espelhos, as Américas, não só se recusavam, mas se contradiziam, se desmentiam, usando a imagem do outro para construir a sua própria imagem e definir identitariamente o que não

¹ Universidade Federal do Paraná, doutoranda, Capes.

² Podemos observar exemplos desse percurso historiográfico a partir de trabalhos como os de Maria Ligia Coelho Prado. No texto indicado a seguir a autora fornece exemplos que elucidam esta tese, sobretudo, a partir da perspectiva brasileira em relação à América de língua espanhola. PRADO, Maria Ligia Coelho. **O Brasil e a distante América do Sul**. Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4101/prado.pdf?sequence=2>. Acesso em junho 2013.

queriam ser".³ Ou ainda, imperava o silêncio, o desconhecimento em relação a esse outro, como demonstrou a pesquisa de Fredrigo sobre a correspondência de Simón Bolívar. Embora sonhasse com uma América unida e forte, Bolívar não escreveu de forma substancial a respeito do Brasil em suas cartas, fator que levou a autora a concluir que "pouco parecia importar ao missivista o império brasileiro", o que veio a confirmar, para ela, a tese da denegação.⁴

A ideia da denegação foi confirmada a partir de vários estudos, como é possível observar nas análises de Prado e Fredrigo. Entretanto, cabe investigar primeiramente se houve denegação e caso a resposta seja afirmativa, cabe observar em que termos ela se apresentou, por meio da escrita de quais atores sociais e em quais contextos históricos. Analisar as premissas e argumentos dos discursos construtores de alteridades/identidades, bem como suas possibilidades de circulação e alcance consiste em uma questão importante para refletirmos acerca das relações entre as diferentes Américas.

Para realizar essa reflexão, escolhemos dois artigos do argentino Domingo Faustino Sarmiento, escritos em 1842. Primeiramente por sua narrativa ser exemplar e apontar alguns caminhos para refletirmos sobre o problema proposto. Em segundo lugar, devido ao peso matricial de suas reflexões.

Inicialmente cabe perguntar em que medida Sarmiento denegou o Brasil, incluindo os variados significados que esta noção engloba (dissociação, desinteresse, desconhecimento, distanciamento e denegação). Caso a ideia de denegação se confirme em algum de seus pressupostos, cabe ainda perguntar se tal argumento foi linear ou descontínuo na narrativa selecionada, se existiram contradições, impasses ou mudança de posicionamento. Estas questões iniciais levaram a elaboração de uma série de outros questionamentos que visam pensar sobre a relação que Sarmiento estabeleceu com a

³ Fredrigo também segue esse percurso a partir da ideia de denegação de Leandro Karnal, disponível em: KARNAL, Leandro. O Brasil e a América Latina denegada. **Ciências e Letras**. Porto Alegre, n. 28, p. 99-110, jul. dez. 2000. FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas. **História Revista**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 8, 2003, p. 90.

⁴ FREDRIGO, Fabiana de Souza. Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). In: **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**. São Paulo: USP, vol. I, 2009, p. 44-65. Disponível em: <http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2013, p. 48.

América portuguesa: quais aspectos do Brasil, dos brasileiros e do Império chamaram a atenção do autor? Quais elementos ele destacou na construção de alteridades e/ou identidades? É possível identificar nos artigos um “nós” para a Argentina e um “outro” para o Brasil? Quais referências espaciais e raciais foram pensadas para o Brasil a partir desse olhar? Quais posturas intelectuais e políticas adotou em relação a esta parcela do território americano?

Exílio e periodismo

Embora a temática do exílio seja recorrente na historiografia sobre Domingo Faustino Sarmiento, é importante sublinhar que poucas semanas após seu estabelecido no Chile, que ocorreu no final de 1840, o sanjuanino passou a atuar como periodista, de forma intensa e ininterrupta. *El Mercurio*, *Crónica Contemporánea de Sud-América* e *El Nacional* são alguns exemplos dos muitos periódicos para os quais escreveu sobre diversificados assuntos, como crítica teatral, costumes, política, entre muitos outros. Os periódicos também representaram um espaço significativo na escrita de Sarmiento no que diz respeito às polêmicas nas quais se envolveu durante o período de exílio, como os debates em torno da língua e do romantismo. O segundo ano do desterro, 1842, foi um período de grande produção literária. Além de artigos para os periódicos locais, Sarmiento produziu narrativas epistolares e publicou *Cartillas, Silabários e Otros Métodos de Lectura Practicados em Chile*. Também foi um momento importante devido aos contatos que estabeleceu no Chile. A partir destas relações e da ação periodística, o sanjuanino pôde criar uma rede de sociabilidades e de atividades que culminaram em uma série de desdobramentos como os cargos públicos para os quais foi nomeado e que estiveram vinculados à educação (Diretor e organizador da primeira *Escuela Normal de Preceptores*, membro da *Facultad de Filosofía e Humanidades*).

Neste contexto, Sarmiento publicou em *El Mercurio*, em 3 de outubro de 1842, o que acredito tenha sido sua primeira reflexão sistematizada sobre o Império brasileiro.

1º Ato

*Ojeada sobre el Brasil (Mirada sobre o Brasil)*⁵, trata-se de uma visão geral sobre o vizinho de língua portuguesa. Neste artigo, Sarmiento teceu uma espécie de diagnóstico no qual – a exemplo de outros textos que escreveu sobre o contexto de países da América do Sul como o Uruguai e a própria República Argentina –, informou e refletiu acerca de alguns conflitos fronteiriços e da ordem política vivenciada naquele momento.⁶

Em sua narrativa destacou a “luta obstinada que há anos existe em uma das fronteiras” e sobretudo, as “convulsões recentes de São Paulo e de Minas Gerais” em alusão a fronteira sulina e as Revoltas Liberais. Escreveu ainda a respeito de “tantos arquejos democráticos que se tem visto repetidas vezes até na mesma capital do Brasil ao lado do poder”.⁷

Para Sarmiento, naquele momento, o Brasil “apesar de ser o maior Estado sul americano em população, em riqueza e em território, é, sem dúvida, o maior embrião de nação que temos em nosso continente e o país que, a nosso juízo, está destinado a passar por mais alterações em sua organização.”⁸ Embrião de nação devido, sobretudo, a extensão e riqueza do território. Entretanto, vislumbrando alterações futuras, fez questão de enaltecer a fragilidade de tal embrião que deveria, antes de entrar em harmonia, sofrer uma decomposição.

De acordo com Sarmiento, para conservar a unidade em um território tão vasto em termos espaciais e sociais, seria necessário um governo apoiado em tradições antigas mas que estivesse, ao mesmo tempo, repleto de vigor e força. As instituições deveriam ser antigas em termos de criação mas modernas quanto a sua consonância com a época e as ideias de 1842. O povo, o corpo da nação, por sua vez, deveria ser são e homogêneo, forte e pujante e não sofrer de nenhuma enfermidade. Mas tais características, na visão de Sarmiento, faltavam ao Brasil naquele momento.

⁵ As citações em espanhol foram traduzidas pela autora desta comunicação.

⁶ Até meados do século XIX a Argentina não existia como um Estado unificado sob uma única liderança política e identificado a partir de um sentimento de pertencimento. Assim, adotarei o termo República Argentina para me referir ao período *rosista* pois era a forma comumente utilizada por Sarmiento neste período.

⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Ojeada sobre el Brasil*. Mercurio, de 3 y de 12 de octubre de 1842. In:_____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. VI, p. 49-52.

⁸ *Ibid.*, p. 49.

Em sua narrativa, Sarmiento perguntou: “Como conservar o equilíbrio, ou evitar que desmorone um edifício tão mal cimentado?” E prontamente ele mesmo respondeu: “o regime constitucional que hoje existe, é uma árvore nova que se distancia muito de ter longas raízes” e “o atual governo não tem mais antecedentes que o presidente de qualquer de nossas repúblicas”. Tais circunstâncias, a tradição e a inovação, faltariam ao Brasil e os conflitos demonstravam “o porvir violento que aguarda este império”.

Transitando por entre o regime de governo e o governante, passando por sua população e geografia, o diagnóstico era fatal. Quanto à população, estava formada por homens livres e escravos, de duas raças “que não se deram nunca bem”, “povo heterogêneo quanto a seu sangue, o é também, obviamente, quanto a suas ideias e quanto a seus instintos”. Em termos espaciais, fez questão de enfatizar a dispersão dos brasileiros em vasto território, divididos entre a zona tórrida e a temperada, o que o fez supor que “semelhante povo” teria “também necessidades e interesses diversos e opostos por sua vez”.⁹

Em termos fatalistas e transcendentais, conclamou a Providência que, se não determinaria o resultado final, ao menos orientaria os rumos e conduziria os brasileiros pelas etapas da imensa transição, passagem de uma condição violenta a um porvir civilizado. Sarmiento pensou, para o Império, na decadência e no renascimento através da história. A partir da cunhagem de uma filosofia da história, enxergava um padrão necessário de etapas em direção ao futuro, evolução imperiosa, que ocorreria dentro de um tempo linear, progressivo mas fatídico. A situação somente se tornaria ruim se a Providência se abstivesse de efetuar a transição de forma lenta e gradual.

Embora prognosticando a divisão do território brasileiro em futuro próximo, não seria possível adiantar o motor da história pois, cada passo deveria ser dado de acordo com as condições de cada momento. Neste sentido aconselhou: “se guardem os brasileiros de romper antes do tempo os vínculos que os une”.

Os homens de Estado do Brasil, ao lutarem contra a anarquia e as rebeliões, não deveriam desconhecer que ao fim sairiam “novos Estados do seio do império” e os esforços empreendidos “só devem se dirigir a retardar ao possível esse dia de desmembração para que não ocorra se não quando a ilustração estiver mais difundida e

⁹ SARMIENTO, p. 50.

o povo mais nivelado”. Acionando o condicionante "conhecimento ilustrado", para Sarmiento a ignorância representava um entrave na superação das etapas necessárias ao progresso. A emancipação de cada parte, por sua vez, só seria possível mediante o saber ilustrado difundido entre a população.

Neste sentido, cabe pensar que para o autor do artigo, a República Argentina e o Chile já estavam em estágios adiantados quando comparados com o Brasil, uma vez que o desmembramento do território mais amplo, os vice-reinados, já havia ocorrido. Se o Brasil ainda estava dando seus primeiros passos no encaixe do processo civilizador, só continuaria sua caminhada mediante a conformação de toda a sociedade, o que se daria somente por meio da educação.

A questão parecia simples para Sarmiento, que estabeleceu um padrão civilizacional conformando todos os povos americanos. Nesta perspectiva, questionou: "Que privilégio tem o império para que não passe pelas mesmas alterações que os Estados contemporâneos seus?" O Brasil, neste caso, emergiu mais como espelho do que como oposição. Surgiu como parte do Mesmo cujo destino não poderia se diferenciar, visto que a América caminhava para um mesmo fim, ou seja, a história deveria ter sentido idêntico nos dois polos, o de língua espanhola e o de língua portuguesa.

O Brasil funcionou como um espelho a partir do qual o autor pode tecer comparações e hierarquizar os países de acordo com a etapa evolutiva que apresentavam frente a elementos políticos e sociais. Neste sentido, para Sarmiento, a República Argentina e o Chile já estavam em estágios adiantados quando comparados com o Brasil, uma vez que o desmembramento do território mais amplo, os vice-reinados, já havia ocorrido. Se o Brasil ainda estava dando seus primeiros passos no encaixe do processo civilizador, só continuaria sua caminhada mediante a conformação de toda a sociedade, o que se daria somente por meio da educação.

A questão parecia simples para Sarmiento que estabeleceu um padrão civilizacional conformando todos os povos americanos. Nesta perspectiva, questionou: "Que privilégio tem o império para que não passe pelas mesmas alterações que os Estados contemporâneos seus?" O Brasil, neste caso, emergiu mais como espelho do que como oposição. Surgiu como parte do Mesmo cujo destino não poderia se

diferenciar, visto que a América caminhava para um mesmo fim, ou seja, a história deveria ter sentido idêntico nos dois polos, o de língua espanhola e o de língua portuguesa.

O Brasil não poderia ficar fora do movimento natural da história, do motor que impulsionava toda a América em uma mesma direção. “Lance um olhar pela América, e se verá em toda sua força o princípio das subdivisões”.¹⁰ Para exemplificar a “teoria da divisão”, citou o exemplo do México (que estaria prestes a perder seus extremos, Texas e Yucatán), da Argentina que já não contava mais com o Paraguai, da Colômbia, que havia se dividido em três estados e da Banda Oriental. Somente o Chile logrou manter sua extensão, graças à cordilheira. O Brasil, por sua vez, “não deve contar já com o Rio Grande”. Complementou argumentando: “nestes tempos não se pode fundar grandes nações, e muito menos com os elementos heterogêneos do Brasil”.

A diferença das raças, refletida nas distinções sociais seria outro impedimento. Se o destino estava revelado, o império brasileiro não poderia se furtar a sofrer suas ações.

Escreveu ainda o sanjuanino que causaria admiração se o governo imperial conseguisse apaziguar os conflitos e restabelecer a ordem no país e que “semelhante trinfo provará uma prudência e uma habilidade incomparáveis no atual gabinete” e

provará também que a maioria do povo brasileiro é tão patriota e tão amante de sua nacionalidade, que não bastam para dividi-los os muitos elementos de dissolução com que saiu o país das mãos de sua metrópole, e que se acham até agora confundidos com a base mesma de sua posição social.¹¹

Sarmiento acreditava que os brasileiros conheciam muito bem os males que os ameaçam e sempre tratavam de precavê-los com “sabias disposições preparatórias”. Finalizou o artigo desejando “que o atual governo do Brasil logre estabelecer a ordem em todo o império, para que possa dirigir seus trabalhos sem interrupção e sem obstáculos até a civilização e liberdade do povo brasileiro”.¹²

Um balanço deste primeiro texto permite auferir que para Sarmiento o Brasil não representava uma ameaça iminente aos países de língua espanhola, pois, primeiramente,

¹⁰ SARMIENTO, p. 50.

¹¹ SARMIENTO, p. 50.

¹² Id.

estava em voltas com conflitos internos, brigas relacionadas às fronteiras, sobretudo com o Uruguai e dissensos entre sua população heterogênea e desnivelada em termos educacionais. Em segundo lugar, o autor do artigo acreditava que, após transpor algumas etapas, o Brasil não existiria mais como país e se dissolveria em inúmeras repúblicas, a exemplo dos antigos vice-reinados, crença essa que, ao que parece, estava mais relacionada com as comparações que estabeleceu entre o Brasil, a Argentina e o Chile, com a adoção de um olhar permeado pelas filosofias da história e, sobretudo, ao fato de ver no Brasil o espelho de sua própria pátria.

Ao contrário de repúdio ou medo, Sarmiento construiu um diagnóstico sobre o país vizinho, considerando algumas diferenças regionais, sociais e geográficas além de prós e contras relacionados às possibilidades oferecidas pelo contexto histórico, evidenciando um olhar teleológico que incluía o Brasil, parte da América, no compasso de uma civilização idealizada ou utópica. O final do texto aponta para um ato de boa vontade ou mesmo de apoio ao governo brasileiro.

2º Ato

O texto de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Brasil, assim como outros artigos que escreveu nesse período, repercutiu e, como se tornaria lugar comum em sua escrita, gerou desafetos. Ao que tudo indica, um correspondente brasileiro não concordou com o prognóstico. Não foi possível identificar se a crítica foi concretizada em forma de artigo ou por meio de uma nota encaminhada a *El Mercurio*. Todavia, alguns dias após a publicação do primeiro texto sobre o Brasil, Sarmiento escreveu outro, em resposta ao correspondente, denominado somente Sr. Noticioso.

Em termos gerais, neste segundo artigo, Sarmiento teve o propósito de se defender de acusações que teriam sido feitas pelo Sr. Noticioso. Explicou que "por falta de espaço em nossas colunas não contestamos antes de ontem o remetido em que se contradiz algumas ideias que emitimos sobre o Brasil em um de nossos números anteriores, e vamos preencher hoje este vazio".¹³

¹³ SARMIENTO, p. 51.

Sarmiento se queixou ao correspondente que parece tê-lo acusado de desferir um ataque ao Brasil e foi enfático ao afirmar “não é assim como viu as coisas nosso correspondente”, pois sua reflexão não afetava “nem a dignidade daquele país, nem seu atual governo”.¹⁴ Buscou reiterar algumas considerações feitas anteriormente: “dissemos que esta nação está destinada a um grande desenvolvimento” e “fizemos votos para que tal desenvolvimento ocorra gradualmente e não por saltos”.¹⁵

Sarmiento analisou a questão recorrendo à alteridade, enfatizando que a leitura de um brasileiro poderia ser distinta de um americano do sul:

Anunciamos que seu território será dividido, e se este anúncio pode ser triste para um brasileiro não o é para um americano do sul, contanto que tal desmembração ocorra sem catástrofes, e que seja em proveito e para a maior prosperidade dos povos que compõem o império.¹⁶

Sarmiento complementou sua reflexão questionando seu interlocutor: “O que vale, Sr. Noticioso, o prazer de pertencer a uma pátria com vasto território, se esta circunstância é talvez incompatível com a felicidade dessa mesma pátria?”.¹⁷

É interessante pensar que mesmo estando desterrado no Chile, em função da língua, de uma história comum em muitos aspectos, das facilidades de acesso, este país não aparece como um outro tão distante quanto o Brasil.

Na notícia anterior o Brasil foi considerado indissociável da América e sua história foi pensada como parte de um futuro comum. Nesta segunda narrativa, ao definir o seu leitor ideal, o autor destacou que Brasil e América poderiam ser considerados de forma distinta:

quando escrevemos para a América, e não para o Brasil, temos que visualizar algo além, e tratar de explicarmos o motivo de tantas revoluções uníssonas como vemos surgir no Brasil; e é então que percebemos os muitos germens de dissolução que contém, ou da posição anormal em que se encontra.¹⁸

Se em um primeiro momento sentimos que o autor realizou uma separação entre brasileiros e americanos, na sequência da narrativa essa impressão é solapada pela

¹⁴ Id.

¹⁵ Id.

¹⁶ Id.

¹⁷ SARMIENTO, p. 51.

¹⁸ Id.

seguinte consideração: "este modo de ver as coisas é puramente americano; se refere à ordem e bem-estar geral de nosso continente, e não envolve nenhuma questão pequena, nenhum desejo hostil ao Brasil, nem uma invidiosa pueril de seu vasto território e de sua população."¹⁹ Sarmiento se colocou como um americano preocupado com outros americanos e, neste sentido, novamente o Brasil foi considerado parte da América. Na resposta ao Sr. Noticioso, ao utilizar a expressão "nosso continente", não somente incluiu o Brasil mas também deixou transparecer que as questões envolvendo o país de língua portuguesa interessavam a ele, justamente pelo Brasil ser parte do continente.

De acordo com Chiaramonte, durante esse período, as experiências coletivas das províncias rio-platenses ainda "eram muito débeis para poderem ser invocadas para estabelecer uma singularidade argentina com referência ao resto dos países hispano-americanos". Neste sentido, os membros da *Geração de 1837*, perceberam a inexistência de um princípio de nacionalidade que desse suporte para a nação independente. Essa nacionalidade almejada tinha como elemento distintivo somente a sua natureza americana. O *nós* que propagavam, era um *nós* americano e não especificamente argentino.²⁰

Por isso, para o sanjuanino, o correspondente brasileiro "possuído do seu nacionalismo" e "desprendido dos interesses americanos, pretende negar verdades que ressaltam no momento de lançar os olhos sobre o mapa do Brasil, sobre seu povo e seu governo."²¹

Sarmiento, por sua vez, criticou o interlocutor afirmando que ele "lança sobre as repúblicas sul americanas um olhar mal encoberto de desdém."²² Citou o trecho no qual o interlocutor teria se referido aos demais países sul americanos nos seguintes termos:

Se o Brasil, disse (o correspondente brasileiro), fosse uma massa informe, ou uma porção de habitantes sem ordem, nem método (não dissemos tanto), que é como o pinta exageradamente por meio da expressão de ser o maior embrião de nação, em meio a circunstâncias que se disse o favorecem com preferência a outros Estados sul americanos, que seriam estes então?²³

¹⁹ Id.

²⁰ CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados**: origens da nação argentina 1800-1846. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009, p. 258.

²¹ SARMIENTO, op. cit., p. 51.

²² Id.

²³ Id.

A provocação certamente causou animosidade em um autor cuja marca registrada se consolidava em narrativas marcadas pela ironia e impetuosidade. Sarmiento foi ácido em sua resposta, o que possibilita perceber a mudança de tom em relação ao artigo anterior. “Que seriam? O que são, povos embriões, mas menos embriões que o Brasil; menores, porém, mais homogêneos. Mais revolucionados alguns deles, e em estado de maior elaboração, mas sobre um molde já existente, e de acordo com a época”²⁴. Seu argumento para o Sr. Noticioso é bem claro. O Brasil estava fora de sintonia histórica, atrasado em relação às demais repúblicas latino americanas que já haviam galgado algumas etapas ainda não percorridas pelo vizinho, que já haviam passado por convulsões, descartado a monarquia e a escravidão, que estavam se reordenando, em "elaboração" rumo à civilização.

O Peru e a República Argentina, seriam os estados a apresentar “um aspecto mais melancólico”, mas ainda assim estariam mais próximos de uma sólida paz “porque cem anarquistas e um tirano, perecem mais rápido que uma dinastia e que umas instituições monárquicas”. Apesar dos problemas enfrentados em sua terra natal, o conflito com Rosas e outros caudilhos, em meio a uma pátria sem constituição formal, seria uma etapa mais adiantada em relação à monarquia pois “o Rio Grande, e demais Estados que sairão algum dia do seio do Brasil, entretanto, ainda não deram o primeiro passo”. Sobretudo porque estes estados de língua espanhola já teriam, de acordo com o autor, iniciado sua “carreira perigosa de governarem-se a si mesmos” enquanto o Brasil ainda era governado pela casa de Bragança.²⁵ Neste ritmo, elaborou suas justificativas na intenção de convencer seu leitor que mesmo em meio aos conflitos e convulsões, as repúblicas se mostravam opções mais adequadas de governo que a monarquia, até porque uma estaria fadada ao desaparecimento em benefício da outra. Neste sentido, os conflitos, tanto das repúblicas como da monarquia, poderiam ser inseridos em uma perspectiva positiva, já que prenunciavam novos tempos.

Na sequência, Sarmiento questionou: “Há acaso algum motivo para crer que serão eles mais felizes que as repúblicas hispano-americanas?” Sua conclusão foi,

²⁴ Id.

²⁵ SARMIENTO, p. 51-52.

novamente, fatal e definitiva: os estados sul americanos, com exceção do Brasil, “são repúblicas por ser, e não impérios a serem destruídos”.²⁶ Ou seja, as repúblicas americanas de língua espanhola já constituíam o germe da civilização, enquanto no Brasil, antes do reordenamento, deveria ocorrer o processo de destruição de suas instituições, a divisão do seu território e o nivelamento educacional do seu povo. A salvação estaria no futuro, para ambos, mas o império teria que caminhar um pouco mais para chegar lá. A temática da heterogeneidade foi retomada. O Brasil havia perdido o trem da história, estava atrasado em relação às repúblicas da América do Sul. Novamente a fatalidade histórica veio à tona.

Na ânsia de se contrapor o autor afirmou que o texto contestado foi escrito sobre bases diametralmente contrárias as suas ideias, pois a unidade do império do Brasil e a conservação de suas instituições não representavam um feito final e não existia garantia quanto a sua preservação. Como exemplo se referiu “a luta aberta em que se conserva ainda o Rio Grande depois de sete anos de esforços por parte do governo para apaziguá-los, e evitar que se desprendam para sempre do império”. Sua conclusão foi de que tal situação “não é por certo um feito para inspirar nossa confiança na integridade futura do Brasil”. Outro argumento, foi à utilização da Europa como ponto de comparação. De acordo com o autor neste continente as monarquias, antiquíssimas e apoiadas em mil tradições e no auxílio mútuo, a cada dia perdiam mais terreno na opinião pública. Tal comparação o levou a seguinte conclusão: “como não duvidaremos da duração de um império novo, por todas as partes rodeado de repúblicas, e com um menino de dezessete anos a sua cabeça”.²⁷ Não somente a ausência de tradição ou sua antiguidade eram elementos consideráveis, mas a influência do entorno e a pouca idade do monarca.

Enfatizou ainda o sanjuanino que a forma com se posicionou no artigo anterior não estava relacionada a idealizar um futuro infeliz para “povos que podemos chamar vizinhos” e que “por mil circunstâncias nos interessam”. Tal postura, estava relacionada, conforme justificou, com uma atitude de franqueza consigo mesmo e com a possibilidade de tirar proveito da história das nações, revelar os perigos e males que as ameaçavam para lhes oferecer possíveis remédios. O tom pessimista se confundiu com

²⁶ Ibid., p. 52.

²⁷ SARMIENTO, p. 52.

o otimismo lançado na frase: “E é, enfim, ter fé na liberdade, e vislumbrar uma época melhor que a presente”²⁸. Finalizou o artigo dizendo não pretender entrar em uma polêmica sobre o assunto e que nem se empenhou tanto em sustentar as informações anteriormente veiculadas, as quais repetiu:

Os distúrbios contínuos que agitam o país, e que não podem ser, como disse nosso correspondente, obra de uns poucos descontentes, confirmam nosso alarme, e nos faz desejar, agora mais que nunca, sabedoria no atual governo e menos precipitação do povo brasileiro.²⁹

Conclusão

A intenção dessa reflexão é problematizar a ideia de que a América não interessava ou não importava para os letrados americanos de língua espanhola ou de que era desconhecida. Por mais que este interesse não fosse compartilhado por todos, alguns escritores, a exemplo de Sarmiento, não só deram importância a tal debate, como evidenciaram conhecer alguns pormenores sobre as tensões que assolavam o Império brasileiro. O sanjuanino não somente demonstrou interesse pela história do país vizinho, mas sobretudo procurou interpretar determinados processos históricos.

De forma otimista, previu a salvação em um futuro, mais próximo para as repúblicas de língua espanhola e um pouco mais distante para o país de língua portuguesa. Esse tipo de utopia produzida pelas filosofias da história, de acordo com Reis, “é fruto da fantasia imaginativa, da análise do presente, da crítica da ordem estabelecida, da defesa de valores racionais e da esperança de que a história e seus horrores serão superados”.³⁰ A República Argentina era o modelo do qual partia o autor, era o palco dos horrores vivenciados pelos seus compatriotas, muitos dos quais se encontravam proscritos. A república, como sistema de governo, era o horizonte de expectativas do autor, não somente para sua pátria, mas para os vizinhos americanos também.

Sarmiento fez questão de demonstrar que a compreensão que o Sr. Noticioso demonstrou em relação a sua reflexão o deixara ofendido e se empenhou em explicar

²⁸ Id.

²⁹ Id.

³⁰ REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994, p. 158.

seu ponto de vista, em enfatizar que tal olhar não caracterizava uma reprovação ao Império brasileiro, mas uma análise cujo objetivo era contextualizar a situação de um dos países americanos para os próprios americanos. Pesou em sua análise o anacronismo atribuído ao país de língua portuguesa, que a pouco havia renovado a orientação monárquica enquanto a América de língua espanhola buscava encontrar os caminhos para organizar o país após os processos de independência. Também é possível observar a existência de ressentimentos quando da comparação entre o Brasil e a América de língua espanhola no que concerne à fragmentação. Se os antigos vice-reinados sofreram tal processo, o Brasil certamente também os sofreria na visão do autor, já que não existia uma hierarquia que tornasse o Brasil superior ou que o guardasse do advento da modernidade, sentida a partir do esfacelamento territorial, político e social.

Ao enfatizar que somente os brasileiros ilustrados entenderiam seu ponto de vista, o sanjuanino buscava a legitimação do seu discurso a partir de sua inserção em um filtro iluminista e que estabelecia os parâmetros ideais da caminhada rumo ao progresso dos povos americanos. Tal progresso, em sua visão, só poderia se concretizar mediante um processo educativo amplo. Se a França era o modelo, a revolução representava um passo em direção à civilização.

Fonte:

SARMIENTO, Domingo Faustino. Ojeada sobre el Brasil. Mercurio, de 3 y de 12 de octubre de 1842. In:____. **Obras completas de Domingo Faustino Sarmiento**. Buenos Aires, Universidad Nacional de la Matanza, 2001, vol. VI, p. 49-52.

Bibliografia

AMANTE, Adriana. Introducción: Sarmiento. In: JITRIK, Noé (dir.). **História Crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 11.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados**: origens da nação argentina 1800-1846. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2009.

CICERCHIA, Ricardo. **Viajeros. Ilustrados y románticos en la imaginación nacional**. Buenos Aires: Troquel, 2005.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

FREDRIGO, Fabiana de Souza. O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas. **História Revista**, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 8, 2003.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830). In: **Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas**. São Paulo: USP, vol. I, 2009, p. 44-65. Disponível em: <http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2013.

GRAMUGLIA, Pablo M; MENDONÇA, Inês de; SERVELLI, Martín. El gaucho malo de la prensa. In: JITRIK, Noé (dir.). **História Crítica de la literatura argentina**: Sarmiento, v. 4. Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 259-291.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. **Civilização e Barbárie: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História Social, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

PAMPLONA; MÄDER, Maria Elisa (orgs.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 69-92.

PALTI, Elías. **El momento romántico**: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

PAMPLONA, Marco Antonio; DOYLE, Don (orgs.). **Nacionalismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PIZARRO, Ana (org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Vol. 2. São Paulo/Campinas: Memorial/Unicamp, 1994.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. Bauru/S.Paulo: Edusc/Edusp, 1999.

_____. **O Brasil e a distante América do Sul**. Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4101/prado.pdf?sequence=2>. Acesso em junho 2013.

REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994, p. 158.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHUMWAY, Nicolás. **A invenção da Argentina**: historia de una ideia. São Paulo: Edusp; Brasília: UNB, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

VERDEVOYE, P. **Domingo Faustino Sarmiento**, educar y escribir opinando (1839-1852). Buenos Aires: Plus Ultra, 1988.